

**A PARÁFRASE NO COMENTÁRIO JORNALÍSTICO:
UMA ESTRATÉGIA DISCURSIVA**

Suzana Paulino P. D. de Carvalho (PUC/SP)
suzanapp@yahoo.com.br

Este trabalho está situado na área da Análise Crítica do Discurso, e tem por tema as estratégias utilizadas pelo jornalista na construção dos textos reduzidos veiculados na seção “Veja essa”. O problema está delimitado ao exame de diferentes modalidades, enquanto atitudes do enunciador ao construir seu texto, com a seleção de segmentos de outros textos. O objetivo deste trabalho é identificar e descrever as palavras inseridas nos comentários de textos reduzidos que manifestam a opinião da revista *Veja*. Justifica-se a pesquisa, na medida em que a vertente sócio-cognitiva tem-se mostrado adequada para o tratamento da ideologia e da cultura.

**A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO
E O DISCURSO JORNALÍSTICO**

Como se sabe, a Análise Crítica do Discurso tem por função denunciar o domínio das mentes pelos discursos públicos (cf. Fairclough e Wodak, 2000). Para Van Dijk (1993), embora o discurso seja social e sua análise tenha como objetivo entender o funcionamento entre as estruturas discursivas e seus contextos sociais, esse funcionamento não pode se estabelecer sem que as representações mentais, individuais e sociais sejam tratadas. Com isso justificamos a delimitação da pesquisa, baseada na vertente Sócio-Cognitiva, uma vez que visa a teoria das representações mentais e sociais, e suas formas de construção para o domínio na interação social.

Tem-se por pressupostos que o discurso jornalístico é uma prática social institucionalizada, isto é, a instituição do jornal é o jornal-empresa. Sua condição de produção é regida por um conjunto hierárquico de categorias, definidas por um contexto global e um contexto local, quais sejam: Poder, Controle e Acesso, no nível discursivo; Ignorado/Conhecido e Inusitado/Esperado, no nível semântico; e Atualidade, no nível informativo (Van Dijk, 1993). O objeto dessa prática discursiva é formar/construir a opinião pública, que implica em construir preconceitos e, ao mesmo tempo, marginalizar e engrandecer pessoas.

Mediante a isso, o critério adotado para a seleção do *corpus* é o temático, isto é, a corrupção do governo Lula. Consistiu em uma análise exploratória de textos reduzidos da seção “Veja essa” de meados de 2005 até pós-eleições de 2006.

Entende-se que um discurso pode ser analisado tanto pelas suas estruturas linguísticas (sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, estilísticas e retóricas) quanto pela sua relação ao social e à cognição. Este pode ser estudado através dos processos cognitivos envolvidos na produção e na compreensão discursiva por aqueles que usam a linguagem como forma de interação social, cuja função é examinar conhecimentos, atitudes e representações mentais.

A Cognição é vista como um conjunto de representações mentais e sociais decorrentes da interação sócio-comunicativa. Uma representação mental é uma forma de conhecimento, isto é, um ponto de vista do que acontece no mundo. É guiado por interesses, objetivos e propósitos que, sendo comum, agrupam pessoas em um grupo social.

A Sociedade é vista como um conjunto de grupos sociais diferentes, pois cada um deles tem objetivos, propósitos e interesses específicos. Dessa forma, há um constante conflito inter-grupal na medida em que cada grupo social tem um marco de cognições sociais próprio.

O Discurso é visto como uma prática social que se define por participantes, suas ações e funções. Todas as formas de conhecimentos sociais são construídas no e pelo discurso.

Uma das circunstâncias que definem o discurso como prática social são as situações e condições de produção. Por isso se faz necessária a reconstrução do contexto, a fim de identificar os papéis e as identidades discursivas representados pelos seus enunciadores (Guimarães, 1999).

Para Van Dijk (1993), as condições de produção dos discursos públicos são definidas pelas seguintes categorias:

- Poder – toma decisões que atendem a seus próprios interesses; representado pelo(s) dono(s) da empresa;
- Controle – executa o que o Poder decide;
- Acesso – faz chegar ao público o que o Poder decidiu e o que o Controle executou.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Em resumo, o jornalista diz o que o Poder quer que ele diga de maneira que o leitor já esteja controlado, ou seja, que ele leia o que deseje ler. Desse processo decorre o sucesso do jornal-empresa. Essas categorias são partes do contexto global.

No nível semântico, dentro do contexto local, o discurso jornalístico é visto como um dos mais importantes discursos que tem Acesso ao público. Isto se dá por ser um discurso para a mudança; por informar e deixar perspectivas sobre o que irá acontecer no dia seguinte. Uma vez que o público leitor possui um contexto cognitivo para a leitura da notícia, e que nela são agrupadas categorias semânticas Ignorado/Conhecido e Inusitado/Esperado, o leitor é levado a fazer inferências e reformular o seu contexto cognitivo.

Uma categoria do contexto local é a Atualidade. Ela relaciona-se ao desenrolar do processo narrativo do acontecimento informado antes que ele transforme-se em notícia. Define-se pela novidade do acontecimento.

É a partir dessas categorias de produção do Discurso Jornalístico que a Análise do Discurso pode mostrar o que no jornalismo, habitualmente, permanece oculto: quem fala e a partir de que posição ideológica.

Para Van Dijk (1993) a ideologia está diretamente ligada ao social. É a representação mental dos interesses de um grupo, quer sociais, econômicos e/ou culturais. Para o autor, embora se faça distinção entre discurso e ideologia, esta e outras cognições sociais estão envolvidas na produção e na compreensão do discurso. No caso do discurso jornalístico, a ideologia tem a mesma função cognitiva do Poder: monitora a maneira de agir dos interlocutores em discurso, como membros dominantes/dominados de grupos ou organizações institucionais, para controlar os conflitos sociais. Portanto, a ideologia tem como função coordenar os atos e práticas dos membros sociais de um grupo, de maneira a garantir que seus membros irão, geralmente, atuar de modo parecido, cooperando em tarefas conjuntas, o que contribui para a integração desse determinado grupo.

ANÁLISE: O DISCURSO JORNALÍSTICO NAS ENTRELINHAS

De acordo com o que temos por objetivo, foram analisados textos reduzidos a fim de se investigar seus comentários, tendo por critério de

análise as palavras que relatam a opinião da revista-empresa que, por sua vez, constrói a opinião do público leitor.

Em **“Na melhor das hipóteses, Lula, o senhor é um idiota. Na pior, o senhor é corrupto. Arthur Virgílio, líder do PSDB no Senado, na CPI dos Correios, insinuando que o presidente saia da corrupção e não fez nada ou não sabe o que acontece em seu governo”** (20 de julho de 2005), há um verbo no gerúndio que tem um tom irônico e que avalia a atitude do presidente Lula de maneira negativa a partir da opinião do enunciador. Não temos provas de onde Veja retirou esse enunciado, entretanto encontramos no website do senado uma reportagem na qual foi relatado o fato. Nele consta o que Arthur Virgílio disse. Podemos observar que a revista Veja não publicou todo o enunciado do líder do PSDB. Ela o fez de maneira resumida, utilizando o gerúndio, *insinuando*, como elemento lingüístico base, além de fazer uma paráfrase do enunciado, que Marcuschi denomina como “parafraseantes sintéticos” (2007), isto é, termo(s) que resume em uma ou mais palavras o sentido geral do enunciado. Veja o trecho da reportagem a partir da qual fizemos a análise:

Tucano diz que Lula é 'idiota' ou 'corrupto'

14 de julho de 2005

O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), subiu à tribuna nesta quinta-feira e atacou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em discurso, Virgílio disse que Lula assume uma atitude falsa diante das denúncias de corrupção em seu governo e só se encaixe em duas situações: “Na de ser conivente com a corrupção ou ser um completo idiota por não estar vendo tudo o que se passa à sua frente. *Estou dizendo aqui que, na melhor das hipóteses, senhor Lula, o senhor é um idiota; na pior, o senhor é um corrupto. Chega dessa história de Lula não saber das coisas.*”

Em **“Quem adquiriu a dívida no fio do bigode que se entenda no fio do bigode. Valter Pomar, terceiro-vice-presidente do PT, defendendo o calote do partido na dívida com o publicitário Marcos Valério”** (27 de julho de 2005), o comentário apresenta uma paráfrase sintética, assim como o que encontramos na reportagem do jornal O Globo. Embora não seja certo que a revista Veja tenha retirado o enunciado do jornal O Globo, tanto o texto reduzido quanto a reportagem parecem muito semelhantes no âmbito lexical, como por exemplo, no título da reportagem, a palavra “calote”, que não aparece no enunciado de Valter Pomar, mas Veja faz uso dela para compor o seu comentário. Isso demonstra que os textos reduzidos são formações interdiscursivas não somente no enunciado, mas também no comentário. Veja a reportagem abaixo:

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Nova direção ameaça dar calote

O Globo

19 de junho de 2005

Numa tentativa igualmente hilária de tentar se distanciar das negociatas entre Delúbio e Valério, os petistas passaram a negar a própria existência do empréstimo. Em reunião realizada pela executiva do PT, na segunda-feira, dia 18 de julho, Tarso Genro praticamente desconsiderou que o “empréstimo” seja devido pelo PT, defendendo que o partido tem, agora, que “verificar quais são as dívidas irregulares e quais as legítimas”. Uma idéia também defendida por Valter Pomar, terceiro vice-presidente do partido, que afirmou que toda história foi feita em termos pessoais, não partidários: *“O PT não tem esta dívida. Quem adquiriu a dívida no fio do bigode, que se entenda no fio do bigode”*.

Em **“Tem gente que levanta reclamando da vida, vai dormir reclamando da vida, sonha com coisa ruim e acorda de mau humor”**. **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República, *achando que há motivos de sobra para sorrir*” (27 de julho de 2005), há novamente uma paráfrase sintética, que se caracteriza pelo verbo “achar” no gerúndio e pelo resumo que avalia negativamente o enunciado do presidente Lula. O texto abaixo foi retirado do website do senado, a partir do qual fizemos a análise.

Produzir é melhor do que deixar dinheiro parado

19 de julho de 2005

Segundo o presidente, a instalação da nova fábrica de Telefones Celulares LG em Taubaté é um convite para os empresários brasileiros, para que eles também invistam no país. “Fazer investimentos e acreditar que tem que fazer neste instante, para que a gente possa colher daqui a alguns anos aquilo que nós plantamos agora”, afirmou.

Lula lembrou o que tem dito desde o dia que tomou posse; *“É preciso parar de uma vez por todas com o pessimismo nesse país. Tem gente que levanta reclamando da vida, vai dormir reclamando da vida, sonha com coisa ruim e acorda de mau humor”*, disse o presidente durante o seu discurso na fábrica de Telefones Celulares da LG.

Para o presidente Lula, ninguém consegue construir nada positivo, se não acreditar, e o Brasil, segundo ele, tem uma chance exemplar. “Esse país tem uma chance extraordinária de dar um salto de qualidade e nunca mais voltar a ser aquilo que ele já foi, cresce um ano, decresce três, cresce dois, decresce quatro, cresce cinco, decresce dez. Nós já cansamos desse período”, disse Lula.

Lula terminou o seu discurso afirmando que os empresários brasileiros precisam acreditar, da mesma forma que a empresa coreana, LG, resolveu acreditar no Brasil, montando sua fábrica em Taubaté. “É importante que os empresários brasileiros não deixem para fazer amanhã, o que eles podem fazer

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

hoje Invistam porque o Brasil precisa de vocês e porque vocês precisam do Brasil", concluiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo deste trabalho, foi observado que no processo de recontextualização, os textos-reduzidos são construídos ideológica e culturalmente pelos valores opinativos do Poder da revista-empresa. E isto se dá pelas formas lingüísticas que relatam as opiniões referentes aos textos reduzidos que, segundo Marcuschi (2007), são comuns para a construção da opinião pública. Observamos que a “paráfrase sintética” é a maneira mais comum na construção dos comentários dos textos reduzidos escolhidos pela Revista.

BIBLIOGRAFIA

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DIJK, Teun A. Van. *Elite Discourse and Racism*. EUA: Sage Publications: Sage Series on Race and Ethnic Relations, 1993.

FAIRCLOUGH, Norman e WODAK, Ruth. Análisis crítico del discurso. In: DIJK, Teun A. Van (org.). *El discurso como interacción social*. Gredisa, 2000.

GUIMARAES, Doroti Maroldi. *A organização textual da opinião jornalística nos bastidores da notícia*. Tese de Doutorado. PUC/SP, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antonio Marcuschi. *Fenômenos da linguagem – reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.